Fumo — preços e custos em pauta

O plantio da safra 1996/97 no Brasil foi basicamente influenciado pelo perfil da oferta e demanda internacionais do fumo em folha. A presença do Brasil nesse cenário é muito forte; o país oferta produto de alta qualidade, é o maior exportador isolado e responde por cerca de 14% do movimento mundial anual da commodity. A julgar pelos investimentos que vêm sendo realizados no segmento fumageiro do país, a expectativa é de expansão para o mercado de seus produtos.

A partir de janeiro próximo, terá início a colheita do fumo em folha na região Sul, referente ao ano-safra 1996/97. De acordo com a avaliação do mês de setembro realizada pelo IBGE, ela deverá chegar a 433,3 mil toneladas, ou 5,3% acima da produção anterior, resultante do crescimento de 6% na área cultivada. Vale observar que estes números diferem da avaliação realizada pela Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), segundo a qual, em área de 255 mil hectares (14% superior à precedente), o rendimento físico de 1.804kg/ha deverá propiciar colheita de 460 mil toneladas, 18,4% a mais do que o obtido em 1995/96.

De acordo com dados do USDA, os estoques mundiais finais da folha em 1996 não deverão ultrapassar 4,9 milhões de toneladas, quase 9% a menos do que em 1995.

As negociações sobre o preço do produto entre plantadores e empresas adquirentes encontram-se atrasadas em relação ao que se verifica tradicionalmente. Até aqui ambas as partes se reuniam durante o plantio e, com base no custo de produção da lavoura, firmavam o compromisso de os compradores remunerarem os agricultores em um percentual acima de seus gastos. A partir daí, indexava-se o valor acordado a um índice de atualização monetária que garantisse a revisão periódica do preço consoante com o avanço inflacionário.

A justificativa para alterar esse cronograma foi a modificação do ambiente econômico com o fim da inflação. Assim, em agosto último ficou determinado que, no início de novembro, nova atualização dos custos seria realizada em reunião de produtores e indústria. A grata surpresa ficou por conta da diferença ínfima — menos de 5% — entre os dois cálculos, convergência que poderia sinalizar ausência de confrontos quando da efetiva negociação de preços.

Para o final de novembro, agendou-se uma nova revisão dos custos de produção, a partir da qual se partirá para a efetiva negociação do preço do fumo a ser colhido, provavelmente a ocorrer em meados de dezembro próximo.

De acordo com a Cepa-SC, o custo de produção do fumo em folha no estado é da ordem de US$1,87/kg, valor praticamente igual ao patamar registrado pela Federação dos Trabalhadores da Agricultura (Fetag), para o Rio Grande do Sul. A expectativa natural é de que os produtores que dispuserem de mão-de-obra e lenha próprias (insumos que representam perto de 70% do custo de produção do fumo) levem alguma vantagem sobre os demais no que tange à lucratividade da lavoura.

Presença do Brasil no mercado internacional

Independentemente desses arranjos, o plantio da safra 1996/97 foi basicamente influenciado pelo perfil da oferta e demanda internacionais do fumo em folha. A presença do Brasil nesse cenário é muito forte; o país oferta produto de alta qualidade, é o maior exportador isolado e responde por cerca de 14% do movimento mundial anual da commodity.

De acordo com dados do USDA, os estoques mundiais finais da folha em 1996 não deverão ultrapassar 4,9 milhões de toneladas, o que significa perto de 9% a menos do que o volume registrado em 1995. O suprimento deste produto vem-se reduzindo ininterruptamente desde 1994, ano em que a frustração de 23% na produção mundial desestabilizou a oferta, com conseqüências que perduram até hoje. Entre aquele ano e 1996, enquanto a produção mundial do fumo em folha deve ter decrescido 13% em termos acumulados, o consumo teria permanecido o mesmo.

Já no ano passado o comércio brasileiro sentiu as conseqüências do aperto na disponibilidade mundial, pois o preço da folha exportada pelo país chegou a US$3.000/t FOB, ou 12% acima da cotação média do biênio 1993/94. O reflexo sobre a remuneração dos fumicultores brasileiros não se fez tardar. De acordo com a Afubra, a média da remuneração para o fumo Virgínia na região Sul do país referente à temporada 1995/96 ficou em US$2,02/kg, 15% acima do valor registrado na safra anterior e 46% acima do valor médio das temporadas 1991/92 a 1993/94.

Além do mais, o resultado das vendas da folha brasileira ao exterior, já ao longo do período imediatamente anterior ao plantio de 1996/97, gerou renovado otimismo em todo o setor fumageiro, influenciando positivamente a semeadura. De acordo com dados da Associa-

Fumo Virgínia — Rio Grande do Sul
Custo operacional de produção — safra1996/97*

Discriminação	R$/ha	%
Custos variáveis		
Mão-de-obra	2.326,98	62,20
Operações com animais	32,72	0,90
Operações com máquinas	39,10	1,00
Operações com benfeitorias	30,64	0,80
Suprimentos agrícolas	493,71	13,20
Lenha	409,88	10,90
Seguro da produção	89,63	2,40
Funrural	85,26	2,30
Despesas financeiras	57,73	1,50
Subtotal	3.565,65	95,30
Custos fixos		
Depreciação de animais e máquinas	19,60	0,50
Depreciação de implementos	73,45	2,00
Depreciação de benfeitorias	63,04	1,70
Correção do solo	21,58	0,60
Subtotal	177,67	4,70
Total	3.743,32	100,00
Custo operacional (R$/kg)	1,84	

Fonte: Fetag.
* Cálculo em 30-9-1996; produtividade de 2.030kg/ha.

ção Brasileira das Indústrias de Fumo (Abifumo), nos nove primeiros meses deste ano a tonelagem exportada foi 16% superior à do mesmo período de 1995, enquanto o preço médio foi de inéditos US$3.639/t FOB. Muito embora a entidade entenda que, para o ano como um todo, a quantidade poderá não superar os 256,3 milhões de toneladas vendidas em 1995, por outro lado ela afirma que a arrecadação deverá ser recorde.

De fato, a julgar pelos investimentos que vêm sendo realizados no segmento fumageiro do país, a expectativa é de que o mercado de seus produtos se mantenha em expansão por vários anos. A título de exemplo, no primeiro semestre do ano, foi aprovado financiamento do BNDES de quase R$100 milhões, para os fumicultores do Sul realizarem investimentos na estrutura de beneficiamento da folha.

No caso da Universal Leaf — empresa líder mundial no processamento e comércio da commodity —, em meados do ano ela anunciou a intenção de investir na região Sul, até o ano 2000, um total de US$130 milhões, visando ao aumento do número de produtores, à melhoria da qualidade da folha e ao aumento do número tanto de estufas quanto de armazéns. No caso específico de sua fábrica situada na cidade gaúcha de Santa Cruz do Sul, a empresa objetiva capacitá-la para a transformação do elevado volume horário de 42t da folha.

A notícia de maior impacto ficou por conta da Souza Cruz, ao se anunciarem os números relativos à sua mais nova unidade de processamento. Localizada também na cidade de Santa Cruz do Sul e a ser inaugurada no próximo mês de dezembro, sua capacidade inicial deverá ser da ordem de 90 mil t/ano, evoluindo para 120 mil t/ano ao final da década. Sua construção exigiu R$81 milhões, enquanto o investimento realizado pela empresa para garantir o abastecimento de matéria-prima (através do aumento tanto da área semeada quanto do rendimento físico da lavoura) chegou a R$14 milhões.

Brasil — exportação de fumo em folha
1985 a 1996*

	Exportação		
Ano	Quantidade (t)	Valor (US$ mil FOB)	Preço médio (US$/t FOB)
1985	198.662	449.696	2.263
1986	175.658	404.309	2.301
1987	173.684	415.496	2.392
1988	206.951	553.252	2.673
1989	193.656	524.542	2.709
1990	188.144	565.516	3.005
1991	187.694	671.093	3.574
1992	241.012	803.600	3.334
1993	245.537	697.001	2.838
1994	275.500	693.777	2.517
1995	256.270	768.571	2.999
1996*	223.300	812.570	3.639

Fonte: Abifumo.
* Janeiro a setembro.

Apesar deste cenário otimista, há dois temores, por parte dos produtores. Um é o de que as empresas venham a se aproveitar do grande volume da safra 1996/97 do fumo em folha como instrumento de desvalorização do seu preço, a exemplo do ocorrido em outros anos. Além disso, apesar da excelente qualidade do produto novo, os fumicultores sabem que o processo classificatório pode ser regulado pelas firmas adquirentes e eventualmente utilizado como instrumento para discriminação de preços que melhor atendam aos interesses da indústria.

O outro temor é de que os recentes grandes investimentos das empresas em novas unidades de transformação da folha visem, em última instância, a garantir a queda de seus custos de produção via maior automação industrial. Ou seja, à custa de desemprego da mão-de-obra ora alocada com este fim.

IRENE RAGUENET TROCCOLI